O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA POR MEIO DA APRENDIZAGEM COLABORATIVA ESTABELECIDA A PARTIR DO *FEEDBACK* CORRETIVO

Karine Maraisa da Silva
(Universidade Estadual de Goiás – UEG/Câmpus Jussara)

Fernanda Rocha Bomfim
(Universidade Estadual de Goiás/UEG)

Renata Herwig de Moraes Souza
(Universidade Estadual de Goiás/UEG)

RESUMO: Alternativas que favoreçam o processo de ensino aprendizagem de Língua Inglesa são essenciais, tendo em vista as dificuldades enfrentadas por professores desta área. Nessa perspectiva o *feedback* corretivo é relevante, figurando não em uma concepção de correção, mas sim como uma possibilidade de provocar a interação entre professor e aluno, levando o aprendiz a perceber seus desvios de linguagem e corrigi-los, sem sentir-se diminuído ou menosprezado. A intenção do *feedback* no contexto estudantil é edificar a reconstrução do conhecimento já adquirido, almejando fomentar os resultados alcançados em relação a aprendizagem da língua-alvo. Um ambiente pedagógico saudável, onde todos se envolvam no processo é de extrema relevância, tendo em vista que a colaboração entre alunos e professores possibilita o compartilhamento do conhecimento e auxilia no controle dos fatores afetivos. A sala de aula é vista como um espaço aberto a diálogos e exposições, no qual não há uma verdade absoluta e sim a construção coletiva de saberes. Dessa maneira, o trabalho pretende investigar como a aprendizagem colaborativa contribui com as aulas de Inglês no 9º ano do ensino fundamental, e como o *feedback* pode ou não contribuir para o estreitamento das relações e consequentemente para os bons resultados. Esse trabalho conta com aporte teórico de estudiosos da área como Antunes (2002), Figueiredo (2005, 2006, 2015), Schalatter e Garcez (2012), Paiva (2010, 2011) dentre outros nomes. Portanto, espera-se que os futuros leitores compreendam a relevância do ensino de Língua Inglesa e identifiquem o quão importante é o *feedback* e a colaboração em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa. *Feedback*. Aprendizagem Colaborativa.

ABSTRACT: Alternatives that favor the process of teaching English language learning are essential, given the difficulties faced by teachers in this area. In this perspective the corrective feedback is relevant, appearing not in a conception of correction, but rather as a possibility of provoking the interaction between teacher and student, causing the learner to perceive their language deviations and correct them, without feeling diminished or despised. The intention of feedback in the student context is to build the reconstruction of the knowledge already acquired, aiming to foster the results achieved in relation to target language learning. A healthy pedagogical environment, where everyone is involved in the process is extremely relevant, since collaboration between students and teachers enables the sharing of knowledge and helps in the control of affective factors. The classroom is seen as a space open to dialogues and exhibitions, in which there is an absolute truth but the collective construction of knowledge. In this way, the paper intends to investigate how collaborative learning contributes to English classes in the 9th grade of elementary education and how the feedback may or may not contribute to closer relationships and consequently to good results. This work has the theoretical support of scholars such as Antunes (2002), Figueiredo (2005, 2006,

2015), Schalatter and Garcez (2012), Paiva (2010, 2011) and other names. Therefore, prospective readers are expected to understand the relevance of English language teaching and to identify how important the feedback and collaboration in the classroom is.

KEYWORDS: English language. Feedback. Collaborative Learning.

1. INTRODUÇÃO

Ao contrário do que muitos acreditam, aprender um segundo idioma é relevante para as práticas comunicacionais, visto que estamos cada vez mais expostos a situações onde deparamos com a necessidade dessa competência. Especificamente no caso da Língua Inglesa esses benefícios são ampliados, visto que se trata de um idioma considerado universal e prestigiado.

Este trabalho resulta da intenção de verificar a contribuição da aprendizagem colaborativa para o ensino de Língua Inglesa na Educação Básica, especificamente, no 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Jussara – Go, em que o foco inicial é elucidar conceitos teóricos e posteriormente associá-los a dados coletados e construir uma análise crítica acerca do tema proposto.

Portanto, ao considerar a intencionalidade desse artigo, salientamos que é uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, amparada pelo estudo de caso, sendo que a escolha deste justifica-se pelo de fato de não obedecer a uma estruturação estática, ou seja, é permissível ao pesquisador reelaborar seu propósito e propor intervenções caso julgue necessário, entretanto os resultados de uma pesquisa devem ser imparciais, o ponto de vista do investigador não deve interferir na coleta e análise dos dados.

A sistematização da proposta se estabelece por meio de questionamentos que atuam como norte para o desenvolvimento da mesma. Sendo que se pretende por meio dessas indagações entender o funcionamento do ensino de Língua Inglesa, e principalmente conceituar a aprendizagem colaborativa e *feedback* corretivo e, partir dessas exposições teóricas, comparar os dados coletados e comprovar se essas práticas ocorrem de fato no âmbito escolar e qual a sua contribuição para o ensino de Inglês.

Esperamos então, investigar com desenvolvimento cognitivo humano, partindo da premissa que homem enquanto ser social é capaz de ampliar suas competências a partir da interação com seus semelhantes. Partindo dessa premissa, é relevante constatar se esse

diálogo está presente no âmbito escolar e qual a sua contribuição para o processo de aprendizagem de Língua Inglesa. Com esse viés, o professor não representa uma figura hierárquica imposta, ao contrário representa o papel de mediador junto a seus aprendizes, com vistas a um ambiente pedagógico pautado no compartilhamento de saberes, que visa formar além de alunos proficientes em inglês, cidadãos qualificados ao convívio social.

2. O ensino de Língua Inglesa por meio da aprendizagem colaborativa estabelecida a partir do *feedback* corretivo

Na contemporaneidade a aquisição de um segundo idioma passou a ser uma necessidade, se distanciando do pressuposto que aprender uma língua estrangeira é algo irrelevante, seja por questões profissionais, satisfação pessoal, intercâmbio estudantil, viagens internacionais, para entender e se comunicar por meio das redes sociais ou por quaisquer outros motivos, corroborando com esse pressuposto o Jornal da Casa (02/08/1986) *apud* Paiva, pontua a seguinte afirmativa:

> Aprender a Língua Inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma tornou-se tão necessário para a vida atual que, para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física etc. temos de saber falar Inglês. Ontem o Latim era obrigatório em todas as escolas e, como língua universal, tornou-se o símbolo da cultura. Hoje, o "inglês" tornou-se o mais importante e essencial idioma do século XX (2010, p.19).

Considerando que a publicação do texto original foi a quase 30 (trinta) anos e em veículo de comunicação coletiva, concluímos que há tempos o inglês é uma língua privilegiada e classificada como funcional. Na atualidade houve uma ampliação dessa valorização, visto que fenômenos como a forte influência dos Estados Unidos na economia mundial e a explosão tecnológica estão intrinsecamente ligadas à sociedade moderna. Outro fator apontado é a grande quantidade de palavras deste idioma que cada vez mais são acrescidas ao nosso vocabulário, os "estrangeirismos" estão presentes nas mídias, propagandas, nos ambientes administrativos, em nomes de lojas, salões de beleza, dentre outras situações cotidianas.

Ao constatar a significância da Língua Inglesa (doravante LI) nos contextos sociais, voltamos à atenção ao fenômeno de aquisição deste idioma, o que nos remete ao seu ensino na Educação Básica, espaço no qual na maioria das vezes ocorre o primeiro contato direto da criança com um idioma estrangeiro, entretanto, mesmo com todas as situações as quais são

expostos não compreendem a noção de funcionalidade que está indissoluvelmente ligada ao inglês, sendo que cotidianamente deparamos com situações onde esses conhecimentos fazem-se necessários. Garcez e Schlatter (2012) pontuam que "[...] o diferente e o novo que as línguas adicionais valorizadas apresentam, sobretudo no caso do Inglês, muitas vezes já estão nos textos que o cidadão de hoje em dia precisa enfrentar para circular plenamente na nossa própria sociedade" (p.39).

O ensino de LI enfrenta ainda o preconceito imposto às escolas públicas e as classes menos favorecidas, fator esse que afasta cada vez mais o acesso igualitário ao idioma. Segundo Paiva (2011) o próprio PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), documento que norteia o ensino de inglês suprime o aspecto social do idioma, atribui função elitista, ignora que ele está presente nos meios de comunicação coletiva que contempla todas as camadas sociais e não somente as privilegiadas, "[...] somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral, dentro ou fora do país" (BRASIL, 1998, p.20).

Ensinar Língua Inglesa requer além de conhecimentos curriculares, habilidades pedagógicas que auxiliem na construção da aprendizagem significativa, logo, alcançar esse objetivo ao ensinar uma língua não materna é um desafio. A grande maioria dos alunos não gostam da disciplina devido ao fato de não entenderem qual a necessidade dessas aulas para sua vida, julgam ser extremamente difícil aprender e compreender uma língua estrangeira.

Por conseguinte o professor carece de encontrar possibilidades que contribuam com o processo. Monteiro (2015) aponta que "[...] cabe ao professor buscar meios de ampliar as possibilidades de aprendizado para seu aluno, proporcionando um ambiente pedagógico propício por meio da exposição a instrumentos que conjuguem uma diversidade de linguagens (p.178)". Assim, entende-se que a tarefa do professor é construir oportunidades de aprendizagem para seus alunos, tornando-os capazes de associarem os conteúdos pedagógicos a prática social.

Ampliando esse pensamento, é essencial que o docente se conscientize de que "[...] ensinar a usar uma língua é ensinar a se engajar na construção social do significado e, portanto, na construção das identidades sociais dos alunos" (LOPES *apud* LIMA, 2014, p.37), compreende-se então, que o professor de línguas não é apenas depositante de conhecimento, é também agente transformador que desempenha uma função social, preparando um cidadão para convívio em sociedade.

> O ensino de Línguas adicionais, na escola tem por propósito geral a formação de um cidadão capacitado a agir em cenários de grande diversidade, serve para promover o letramento do educando no mundo mais amplo. Nesse plano, o propósito talvez não seja primordialmente o desenvolvimento de um falante da língua inglesa que pretende atuar em espaços onde ela é dominante. Antes disso, interessa formar um cidadão apto a participar da vida social e do mundo do conhecimento que acontece também em inglês (GARCEZ; SCHLATTER, 2012, p.41).

Com base nesse pressuposto, reafirma-se a importância do ensino de línguas voltado para situações reais de comunicação e questões relacionadas à capacidade de transmissão e assimilação do conhecimento, para tanto, cabe ao docente transpor as barreiras que lhe são impostas, desenvolvendo seus saberes e didática de forma autônoma, visto que sua missão não é submergir os aprendizes em um universo gramatical desconhecido, ao invés disso é preferível guiá-los para que percebam a relevância desses estudos para sua vida social dentro e fora do âmbito educacional.

Embora o inglês tenha ganhado destaque nas práticas de comunicação, seu espaço no cenário educacional não acompanhou está evolução, visto que a disposição da carga horária destinada à disciplina não é suficiente para o professor trabalhar conteúdos que desenvolvam algum tipo de competência comunicativa, portanto, o docente precisa usar seu tempo com maestria a fim de expor os aprendizes ao contato com o idioma "[...] para dar um ambiente de aula de língua estrangeira na sala, os professores devem usar o inglês que eles têm para acostumar os seus alunos a ouvir e, quem sabe, a falar a língua estrangeira [...]" (BRITO; SCHMITZ, 2009, p. 17). Ao adotar esse posicionamento o professor pode desenvolver um ambiente em que sejam reconhecidas as quatro habilidades comunicativas (*listening, speaking, reading and writing),* necessárias aos falantes não nativos do idioma que são compreensão, fala, leitura e escrita, descentralizando o foco apenas da leitura, justificado nos PCNs pela falta de recursos e profissionais capacitados e dispostos atuar neste campo de ensino.

Considerando suas atribuições o educador tem a tarefa de compreender a dimensão significativa do ato de aprender, a fim de propiciar esses momentos aos seus aprendizes, entretanto, há uma infinidade de teorias acerca do que realmente significa aprender, Antunes (2002) destaca que "[...] aprender não é copiar ou reproduzir a realidade [...] (p. 20)", subentende-se que o papel do docente extravasa as fronteiras estáticas de sujeito depositante de informações, está além da ação de impor saberes, considerando a capacidade inata do aluno de aprender, ou seja, absorver a informação e transformá-la em algo significativo.

Tendo em vista a aprendizagem significativa, as metodologias de ensino carecem de se adaptarem a situações encontradas em sala de aula, logo, o educador pode instaurar propostas que edifiquem esses conhecimentos a partir de correções que motivem seus alunos a reconhecerem seus desacertos e os instiguem a procurar soluções para tais situações.

Considerando que o aporte teórico dessa pesquisa são as devolutivas, as mesmas são mencionadas nesse estudo pela expressão inglesa *feedback,* junção do termo *feed* traduzido como "alimentação" e *back* "voltar", logo, a junção desses dois vocábulos produz o sentido de "realimentação", e dentro do ensino constitui como uma reformulação do conhecimento já adquirido, ou seja, por meio das intervenções feitas pelo professor durante atividades orais ou escritas, o aprendiz reconstrói suas noções agregando saberes desconhecidos. Figueiredo (2005) afirma que "[...] a palavra *feedback* é usada como um termo geral para a informação fornecida pelos ouvintes na recepção e na compreensão das mensagens" (p.56). Assim, o *feedback* é entendido como um processo que por sua vez auxilia na construção das práticas colaborativas em sala de aula.

O *feedback* corretivo como possibilidade de interação no ensino de LI é concebido do ponto de vista dialógico, no qual por meio dele é possível provocar discussões acerca dos mais variados temas, e promover a colaboração entre todos os envolvidos. Talvez essa prática em sala possa soar como contraditória, pois infere uma dúvida, como correções podem contribuir para a criação de vínculos entre professores e alunos? Realmente é uma controversa, mas, é válido esclarecer que embora se trate de uma correção o conceito implícito recai na intenção do professor de que, a partir do seu apontamento o aprendiz seja capaz de reformular seu conhecimento, sem que este se sinta menosprezado, ridicularizado ou envergonhado.

Quando se questiona o porquê do enfoque nas correções para praticar o *feedback,* Figueiredo (2015, p.124) define que " [...] a fonte de *feedback* mais comum, em sala de aula, é a correção feita pelo professor [...]", no entanto, a forma como se dá a realização deste *feedback* pode decretar seu sucesso ou insucesso, então, é preciso atentar-se em como realiza-se essa prática, conforme pontua o referido autor "[...] a correção, assim como os próprios erros, faz parte do processo de aprendizagem de qualquer atividade. Todavia, ela deve ser efetuada de modo a não atingir a criatividade e autoconfiança do aluno, pois cometer erros é, sobretudo, um sinal de que muitas estratégias foram utilizadas [...]" (FIGUEIREDO, 2015, p.134).

Em uma sala de aula convencional ocorre à divisão de papéis na qual o educador é agente ativo que deposita o conhecimento, em que o educando assume a função passiva de receptor. No cenário previsto na colaboração, ambos possuem atribuições ativas no processo de aprendizagem, no tocante aos alunos Figueiredo (2006) postula que:

> Eles têm a oportunidade de aprender com os colegas e de ensinar-lhes. Ao resolver uma atividade em grupo, podem perceber o que ainda têm de aprender, podem desenvolver suas habilidades sociais e afetivas – por meio da interação decorrente desse tipo de abordagem – e têm a oportunidade de compartilhar estratégias capazes de favorecer a aprendizagem. Podem, também, arriscar-se mais, perder o medo de errar, corrigir-se uns aos outros, expressar-se, o que faz com que testem e produzam a língua que estão aprendendo, de uma forma contextualizada e espontânea, língua essa que se concretiza, se constrói e é utilizada de acordo com sua necessidades comunicativas (p. 23-24).

Dessa forma, se comprova a funcionalidade da colaboração para ensino de línguas, onde ao expor seus benefícios o autor chama a atenção para o quão vantajosa é a utilização desse instrumento na sala de aula. Referente à missão do professor o referido autor norteado pelos estudos de Tinzmann et al.,(1990), Olsem e Kagan (1992), Dörnyei e Malderez (1997) conclui que " [...] na aprendizagem colaborativa, o professor exerce um importante papel de mediador, de colaborador, de provedor de apoio cognitivo e afetivo para os alunos [...] na medida em que medeia o processo, em vez de controlá-lo ou apenas fornecer informações aos estudantes" (p.24). É, portanto, reafirmado a importância do envolvimento mútuo previsto na colaboração, ao passo que esta pressupõe vantagens a todos que dela participam.

Aos futuros professores e aos que já atuam cabe deixar de lado posturas engessadas, e por mais crítico que seja o cenário educacional que se deparem não deixar de lado sua atribuição social de formar cidadãos crítico-reflexivos e aptos ao convívio social. Considerando que as práticas desenvolvidas em sala aula, são muitas das vezes transpostas as situações cotidianas em que os aprendizes são expostos. Nesse sentido, estabelecer vínculos afetivos em ambiente por vezes apontado como hostil cria pensadores ao invés de marionetes com atitudes e saberes mecânicos que em nada vão contribuir para suas práticas sociais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa espera-se que seus conceitos centrais sejam elucidados e comprovem sua significância dentro do ensino de LI, a fim de que seu objetivo de constatar na turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Jussara os benefícios da aprendizagem colaborativa para o ensino de Língua Inglesa, bem como se dá sua materialização por meio do *feedback* corretivo que pode ou não cooperar para o progresso dessas aulas, com vistas numa aprendizagem significativa que contribua para o desempenho dos aprendizes durante as práticas sociais de comunicação.

Ao observar a prática e, a partir da coleta de dados por meio dessa, pretende-se comprovar que com métodos não sistematizados e instrumentos transformadores é possível ampliar a qualidade e os resultados do ensino de línguas, considerando que o compartilhamento de conhecimentos e experiências propõe a construção de saberes relativos aos campos afetivos e cognitivos.

Ao término da realização da pesquisa espera-se que as inquietações que foram ponto de partida para a estruturação da mesma sejam respondidas, visto que essas têm por objetivo compreender a organização das aulas de LI, bem como fatores e métodos que podem ampliar a aprendizagem e tornar os aprendizes proficientes, nas situações cotidianas de comunicação em que o referido idioma esteja inserido.

Algumas percepções foram compreendidas devido a estudos prévios acerca do tema proposto, entretanto, a intenção é realizar um trabalho amplo que compreenda diversos aspectos envoltos ao ensino de LI. Para tanto, é preciso uma análise de dados imparcial amparada por teorias que corroborem com a execução da proposta, possibilitando que este possa futuramente se ampliar, contribuindo com os interessados pelo assunto.

4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Vygotsky, Quem Diria?!* Em Minha Sala de Aula. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Rute Moreira; SCHMITZ, John Robert. *Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública:* uma meta alcançável? In: LIMA, Diógenes

Cândido (org.). *Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa:* Conversas com especialistas. São Paulo: Parábola editora, 2009, p. 13-20.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. *Semeando a Interação:* a revisão dialógica de textos escritos em Língua Estrangeira. Goiânia: Ed. UFG, 2005.

_____, Francisco José Quaresma de. *Aprendendo com os Erros:* Uma Perspectiva Comunicativa de Ensino de Línguas. Goiânia: Editora UFG, 2015.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma. *A aprendizagem Colaborativa de línguas:* algumas considerações conceituais e terminológicas. In: _____ (org.). *Aprendizagem colaborativa de línguas.* Goiânia: Editora da UFG, 2006, p. 11-45.

LIMA, Diógenes Cândido; LIMA, Maria Amélia Sousa. *Sala de aula- Lugar de Certezas ou Espaço de Procura?* Para além das Escolhas: Uma Questão de Formação. In FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de; SIMÕES, Darcilia Marindir Pinto (orgs.). *Metodologias em/de Linguística Aplicada Para Ensino e Aprendizagem de Línguas.* Campinas: Pontes editores, 2014, p. 33-51.

MONTEIRO, Leila Maria Taveira. Multimodalidade na Sala de Aula de Língua Inglesa e Aquisição Lexical. In HEMAIS, Barbara Jane Wilcox (org). *Gêneros Discursivos e Multimodalidade:* Desafios, reflexões e propostas no ensino de Inglês. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 171-189.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes. *A Língua Inglesa no Brasil e no mundo*. In: _____ (org.). *Ensino de Língua Inglesa Reflexões e Experiências*. Campinas: Pontes editores, 2010, p.9-27.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes. *Ilusão, aquisição ou participação.* In: LIMA, Diógenes Cândido (org.). *Inglês em escolas não funciona?* Uma questão. Múltiplos olhares. São Paulo: Parábola editorial, 2011, p.33-46.

SCHALATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro de Moraes. *Línguas Adicionais na Escol:* Aprendizagens colaborativas em Inglês. Erechim: Edelbra, 2012.